

DIDÁTICA FREIRIANA: REINVENTANDO PAULO FREIRE

Dr. Ivo Dickmann

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó

Ivanio Dickmann

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

RESUMO: Assumindo a difícil tarefa de reinventar a metodologia de Paulo Freire como um pedido do próprio Patrono da Educação no Brasil, busca-se nesse texto organizar de uma maneira didática como utilizar as diversas contribuições freirianas para a educação formal, informal e não-formal, partindo do pressuposto que a criatividade dos educadores, em seus mais diversos lugares pedagógicos que ocupam – escola, universidade, sindicatos, movimentos sociais,

ONGs, entre outros – é o que mantém vivo o legado de Paulo Freire. A Didática Freiriana é uma provocação epistêmico-metodológica para que os educadores assumam uma postura pedagógica libertadora e dinamizadora dos ambientes educativos, tomando essa metodologia como referência para sua práxis. Como um texto inacabado, projeta-se a reinvenção dele mesmo, para ser ainda mais fiel ao pedido de Paulo Freire: não me sigam, me reinventem.

PALAVRAS-CHAVE: Didática; Paulo Freire; Reinvenção.

FREIRIAN DIDACTICS: REINVENTING PAULO FREIRE

ABSTRACT: Assuming the hard working of reinventing Paulo Freire's methodology as a request of the Patron of Education in Brazil, it is sought in this text to organize in a didactic way how to use the various contributions of Paulo Freire to formal, informal and non-formal education, starting with of the presupposition that the creativity of the teachers, in their most diverse pedagogical places that they occupy – school, university, unions, social movements, NGOs, among

others – is what keeps the legacy of Paulo Freire alive. The Didactics of Paulo Freire is an epistemic-methodological provocation so that the teachers take a pedagogical position liberating and dynamizing the educational environments, taking this methodology as reference for their praxis. As an unfinished text, the reinvention of himself is projected, to be even more faithful to Paulo Freire's request: do not follow me, reinvent me.

KEYWORDS: Didactics; Paulo Freire; Reinvention.



INTRODUÇÃO

Construir uma reinvenção do Método Paulo Freire é um grande desafio, mas é exatamente aí que se instaura o respeito ao seu legado, já que mais de uma vez ele afirmou que desejava ser reinventado, não seguido (FREIRE, 2009; FREIRE; FAUNDEZ, 2002). O que construímos nesse texto é uma tentativa de reunir e reorganizar um conjunto de aspectos centrais da pedagogia de Paulo Freire de uma forma que os educadores e educadoras possam utilizá-lo no seu cotidiano pedagógico (escola, universidade, ONG, movimentos sociais, sindicatos, entre outros), adequando às suas realidades e construindo conhecimento numa relação dialógico-dialética.

Aqui você encontrará um roteiro que pode ser recriado de acordo com a realidade a ser trabalhada, criando uma infinidade de possibilidades do que fazer, tendo Freire como a referência epistêmico-metodológica central. A criatividade e a criticidade com que essa didática freiriana será aplicada nos diversos espaços pedagógicos não está ao alcance de nós autores, mas está entregue a comunidade freiriana, de modo que se incorpora ao legado de Freire – do qual somos continuadores.

1. PEDAGOGIA DA ACOLHIDA

Todos nós gostamos de ser acolhidos ao chegar à sala de aula, queremos sentir e vivenciar a aceitação e o reconhecimento dos outros. Como integrantes do grupo, como companheiros de caminhada na comunidade, como partes importantes do processo de convivência que nos torna mais humanos – a acolhida é o primeiro momento da humanização.

Acolher o outro é um gesto de amor e alteridade, de tolerância com o diferente e de respeito à diversidade – que, de alguma forma, se traduz também como uma pedagogia da amorosidade. A acolhida é a dialetização das duas grandes dimensões humanas: a afetividade e a racionalidade.



Do ponto de vista pedagógico, acolher é respeitar o conhecimento dos outros – popular, acadêmico-científico, místico-religioso –, é promover o encontro dos diferentes, é proporcionar o diálogo de saberes. Na acolhida se recepciona a pessoa, mas também as suas ideias; é um acolhimento na sua integralidade de ser humano.

A pedagogia da acolhida é o gesto simbólico que antecede a pedagogia da pergunta, assim como a pergunta é o que gesta a resposta grávida de mundo, confirmando a inexistência de analfabetismo oral, possibilitando a tematização da realidade concreta, a leitura do mundo e a conscientização crítica, aprendendo a dizer a palavra, rompendo a cultura do silêncio. A palavra rompe o verbalismo-ativismo e se faz ato epistêmico-metodológico.

2. PEDAGOGIA DA PERGUNTA

A didática freiriana também é a pedagogia da pergunta. A pergunta é o diálogo feito práxis, é curiosidade que se externaliza na palavra, é problematização que vivifica o ato gnosiológico, nasce da capacidade coletiva de desvelar o mundo e de pronunciá-lo, para transformá-lo. “Todo conhecimento começa pela pergunta.” (GUERRERO, 2010, p. 53).

A pergunta desperta a curiosidade e a criatividade do educando, instiga seu interesse pelo conteúdo trabalhado, ampliando as possibilidades de construção de novos conhecimentos. Desse ponto de vista, a pedagogia da pergunta é a antítese da pedagógica tradicional que se sustenta na estratégia da resposta pronta, anti-dialógica e opressora.

Na prática, esse momento da didática freiriana é para o educador exercitar a acolhida sincera e dialogar com os educandos: Como vai ser a aula? Do que ela vai tratar? Qual dor ela ataca e cura? Qual é o tema gerador? Por que é importante estudar esse tópico?



Na prática, o exercício de perguntar incomoda, desestabiliza, desestrutura, provoca rachaduras nas certezas que pareciam inabaláveis, abrindo possibilidades de reinterpretar a realidade, começando pelo questionamento do que parece mais óbvio e evidente, avançando para questões mais profundas e complexas sobre a realidade da educação.

3. PEDAGOGIA DO TEMA GERADOR

O tema gerador é uma das principais originalidades da pedagogia freiriana, ele é resultado da reflexão crítica em torno das situações-limites, da codificação do universo vocabular e das temáticas significativas dos grupos que vamos trabalhar. A investigação do tema gerador é conhecer o pensamento e a atuação dos sujeitos sobre a realidade, ou seja, sua práxis.

O trabalho na perspectiva da pedagogia do tema gerador precisa ser coerente com a pedagogia dialógica da educação libertadora freiriana, devendo ser uma pedagogia da conscientização e proporcionar conhecer a percepção da realidade em que estamos inseridos, ampliar nossa visão de mundo, nossas relações com o mundo e com os outros.

Como nós vivemos uma tensão dialética entre nossos condicionamentos e nossa liberdade, conhecer o mundo via investigação temática – de onde emergem os temas geradores – nos dá condições de atuar sobre a nossa realidade para mudá-la, enfrentando as situações-limites com nossos atos-limites em vista do inédito viável. Por isso, chamamos de tema gerador, ou também temas dobradiças, essas palavras-força que nos permitem desdobrar e desvelar outras questões da realidade-mundo, entendendo-os “[...] de um lado envolvidos, de outros envolvendo as situações-limites, enquanto tarefas que eles implicam, quando cumpridas, constituem os atos-limites [...]” (FREIRE, 2003, p. 93).



Na prática, a pedagogia do tema gerador é o momento da continuidade da reflexão do que emerge da pedagogia da pergunta. É a orientação temática para o diálogo inter-relacional entre educador e educandos, é a palavramundo que vai sendo desvelada, admirada, inteligida, como parte do processo de construção de novos conhecimentos em direção da mudança da realidade.

4. PEDAGOGIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO

O conhecimento se constrói no diálogo entre educadores e educandos, a partir do contexto concreto que estão inseridos. Por isso, é necessário contextualizar o objeto do conhecimento para encharcar de sentido o ato cognoscente (GADOTTI, 2001). É conhecida a afirmação de Freire (2003, p. 69) que “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

O contexto gerador é de onde emergem os temas-problemas, é o lugar em que os temas geradores estão situados e datados, e conhecendo o contexto concreto é possível pensar a sua transformação. Esse momento de contextualização é preparatório para pensar as ações de mudança, é o tempo de aprofundar a leitura de mundo, contextualizando o saber que será produzido no diálogo libertador.

Esse processo da pedagogia da contextualização possibilita aos sujeitos uma postura de abertura e humildade, em que “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa”. (FREIRE, 2003, p. 68). A didática freiriana, nessa perspectiva, funda uma pedagogia da humildade educativa entre educador-educando.

É bem provável, que o tema contextualizado possa ser encontrado em diversas obras de Paulo Freire, portanto, é preciso ficar atentos para



buscarmos suporte no legado freiriano como uma das formas de aprofundar o conhecimento do objeto, mas não só nele, ampliando a visão interdisciplinar, conhecendo melhor para agir melhor em vista da mudança.

5. PEDAGOGIA DA REFLEXÃO

Refletir é pensar de forma crítica sobre alguma realidade ou algum objeto, é um ato de autonomia intelectual, exige do sujeito a responsabilidade epistemológica para captar da melhor forma possível a totalidade de aspectos que se manifestam no real. Refletir é um ato de intencionalidade da consciência que quer conhecer o mundo, fazendo do mundo seu objeto cognoscível.

Definido o objeto ou tema para ser refletido, é imperativo que isso não se faça sozinho, mas seja um ato coletivo, intersubjetivo, dialógico. A reflexão não é um ato introspectivo, mas um diálogo conectivo entre ideias e pessoas, como sempre preferiu Paulo Freire (MAFRA, 2016).

Faz parte do diálogo como exigência existencial dos seres humanos, “[...] encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado [...]” (FREIRE, 2003, p. 79). A reflexão é a antecipação da ação transformadora, ato coletivo e emancipador, que projeta a possibilidade da concretude da mudança das pessoas e do mundo.

O pensar sobre a realidade como ato da pedagogia da reflexão é a atitude de aproximação do real, em vista da conscientização dos envolvidos no processo para tornarem-se protagonistas da mudança que é projetada pela reflexão crítica, construindo alternativas viáveis para a humanização dos seres humanos e do mundo.



6. PEDAGOGIA DA INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA

Depois de parar para pensar sobre o tema, o que vai levar à ação transformadora sobre a realidade refletida, é o momento de investigar outra vez a temática, debruçar-se sobre o contexto teórico-concreto em vista da construção de alternativas viáveis de sua superação crítica. O aprofundamento da leitura de mundo é a pedagogia da investigação temática que permite compreender melhor o mundo para agir e mudar. “A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão.” (FREIRE, 1986, p. 106).

A investigação dos temas ou, nesse caso, a re-investigação, qualifica a abordagem temática, permitindo aos educadores e educandos compreender o que estão lendo (palavra e mundo: palavramundo), para escrever o que entendem sobre eles, tornam-se protagonistas da própria história, aprendem a dizer a sua palavra, tornam-se sujeitos de práxis, dominam a palavra e projetam a ação (palavração).

Do ponto de vista político-pedagógico, é o momento em que se identificam o conteúdo da aprendizagem com o conteúdo e a ação resultante deste processo. É essa tríade que anima esse momento da didática freiriana: conteúdo (mundo concreto), método (dialético) e a mudança (práxis).

7. PEDAGOGIA DIALÉTICA

A pedagogia dialética exige que o processo seja permanentemente sistematizado, que o diálogo em torno do objeto do conhecimento possa ser acessado por todos, precisa ser publicizado, publicado, escrito. Precisa retomar o **pretexto** de origem da discussão em proximidade com o debate do **contexto** concreto que se faz **texto** através do diálogo intersubjetivo. A sistematização é o processo de reflexão-e-escrita sobre as vivências significativas, da riqueza de elementos, do irrepetível, das sensações,



percepções e representações, numa “reconstrução ordenada da experiência.” (JARA, 2006, p. 22). O registro das atividades precisa se tornar um hábito entre nós educadores.

Uma das formas mais práticas que estamos utilizando para esse processo de síntese dialética é uma dinâmica que vai da palavra, à frase e ao parágrafo (DICKMANN; DICKMANN, 2016). Consiste em solicitar que ao final do diálogo em torno do objeto ou temática os participantes resumam seu aprendizado com uma palavra-força que simbolize o que foi trabalhado pelo grupo, depois amplie com uma ideia-força a partir de uma frase que contenha a palavra inicial e, por fim, construa um parágrafo em que esteja contida a tríade da investigação temática como síntese dialética do processo dialógico de ensino-aprendizagem (mundo, método, mudança).

Esse procedimento didático-metodológico, além de resultar num instrumento de avaliação do processo, também é um momento que “[...] exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar, quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos.” (FREIRE, 2004, p. 63). É o tempo de aprofundar a teoria e a prática, evoluir na teorização, melhorar a prática em vista dos inéditos viáveis.

8. PEDAGOGIA DA PRÁXIS

O processo de ensinar-e-aprender é permanente, por isso, precisamos avançar depois do diálogo e da construção do conhecimento enquanto ato pedagógico libertador, para a organização da práxis coletiva. Dominar ou apropriar-se da palavra é uma parte de um processo maior que culmina na ação transformadora, na práxis que reconstrói o mundo. “Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.” (FREIRE, 2003, p. 77).

Pensar a ação concreta é estabelecer o ato-limite, que enfrenta e supera as situações-limites. É pronunciar o mundo, que equivale a



transformá-lo. Ao mudar o mundo, ele se volta sobre nós, exigindo de nós novo pronunciamento. É a superação da cultura do silêncio, como Freire (2003, p. 78) nos alerta: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

A pedagogia da práxis implica na ação-reflexão-ação como processo de descoberta coletiva do mundo, do pronunciamento do mundo que queremos, da concretização dos atos-limites transformadores, da superação das situações-limites e da projeção dos inéditos viáveis.

Na prática pedagógica a ação concreta se busca com as perguntas: O que vamos fazer? Onde podemos atuar para mudar? Com quem podemos fazer juntos? Qual é nosso mundo-inédito-viável que buscamos? A leitura do mundo nos permite projetar a ação sobre ele, é o caminho dialético da palavramundo para a palavração.

9. PEDAGOGIA DO DIÁLOGO

A pedagogia do diálogo problematizador é o momento em que tudo o que foi construído anteriormente na relação educador-educando, agora ganha novos sujeitos e outros lugares. É quando tomamos o resultado do processo de descoberta do mundo e da projeção das ações como elemento de nosso diálogo com as pessoas que convivem conosco. É o tempo da expansão da leitura de mundo, é quando legitimamos o saber construído.

Como sabemos o mundo e o conhecimento se dialetizam. O conhecimento acontece na interação comunicativa entre os sujeitos, mediatizados no mundo e com o mundo, e possui uma condição dupla para se efetivar: “[...] uma, cognoscitiva, a apreensão da realidade; outra, comunicativa, o diálogo em torno do significado e sentido da realidade apreendida e ressignificada [...]” (BRUTSCHER, 2005, p. 88).



Portanto, precisamos dialogar com os outros sobre os nossos saberes para legitimar e aprofundar nossa compreensão da realidade. Dialogue sobre suas anotações com alguém, seja freiriano ou não, isso cria uma sensação de avanço e você vai elaborando seus estudos e reflexões, vai legitimando seus aprendizados na relação intersubjetiva. Ao mesmo tempo em que você começará a ser reconhecido como alguém que reflete, que se pensa enquanto educador e que faz isso a partir de Freire, em outras palavras, será reconhecido como um freiriano.

10. PEDAGOGIA DA GRATIDÃO

No último tópico desse processo didático-metodológico, é preciso recordar que não produzimos nada sozinhos, que somos seres de relação, intersubjetivos, interdependentes, vivemos com os outros e com o mundo. Nesse sentido, precisamos ser gratos, dizer obrigado a quem caminha junto, lado a lado, mão na mão. Isso atrai mais gente, é parte da pedagogia do encantamento e da alteridade, torna-se pedagogia da gratidão.

Agradecer é ser justo, reconhecer o esforço de cada um, que dentro de seus limites e inacabamentos se dispõe a partilhar a vida, o saber da experiência feito, o conhecimento científico, enfim, é o diálogo de saberes, do quefazer, do sentir, pensar e agir – é humildade e amorosidade dialeticamente articuladas que renova em nós a busca e o desejo de ser mais.

Por isso, seja grato! Seja movido por “obrigados”! Agradeça pela atenção dos educandos, pela parceria dos colegas, pelo diálogo com os gestores/diretores, pelas diversas pessoas que estão na relação contigo nos lugares pedagógicos – formais, não-formais e informais – que você atua. Dedique alguns momentos também para agradecer a Paulo Freire por tudo o



que ele nos ensinou e ensina através de sua vida, sua obra e seu legado (DICKMANN, 2017).

PAUSA PEDAGÓGICA

Sugerimos que ao utilizar a didática freiriana, faça-se sempre uma pausa em momentos estratégicos do processo pedagógico, em vista de fixar e adensar o conhecimento produzido, as partilhas e as vivências. Cabe ao educador, que tem o papel diretivo da ação educativa, escolher o melhor momento para a pausa pedagógica. Este momento precisa estar pensado no planejamento da ação para contribuir na condução cada vez mais efetiva da construção do conhecimento e das ações transformadoras que emergem do desvelamento da realidade.

É o momento de pensar a prática, de ligar a teoria com a vida cotidiana, de projeção da práxis. Tempo de escrever o que pensamos, de materializar as ideias, de colocar no papel, literalmente, as nossas reflexões em torno do objeto do conhecimento.

Além de escrever é o momento pensar a ação, respondendo ao chamado de Freire de não ficar só na reflexão sem ação, tudo se transforma em palavreria, verbalismo, blábláblá e, por outro lado, sacrificando a reflexão a práxis se converte em ativismo (FREIRE, 2003, p. 78). Aqui cabe ao educador motivar os educandos a anotar as aprendizagens do debate, as ideias novas produzidas no diálogo, as dúvidas que surgiram na reflexão, as alternativas de ação que o texto proporcionou.

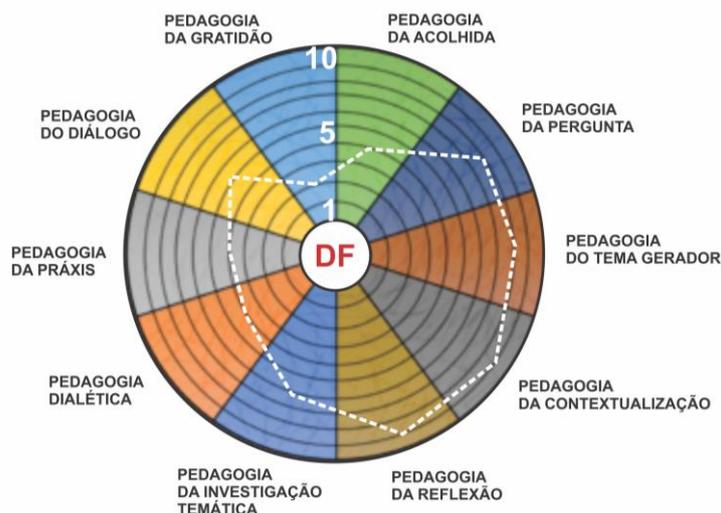
CONSIDERAÇÕES FINAIS E INDICATIVAS

Obviamente, você deve ter percebido que não há uma regra geral para a didática freiriana, um começo e um fim, como num processo linear de



como fazer, pois, se a turma já está andando, trabalhando um conteúdo ao se deparar com esse texto não faz sentido começar pela acolhida, mas talvez, pela pedagogia da investigação temática ou pela pedagogia da práxis. Por isso, pensamos que o processo de execução da didática freiriana é de itinerário livre, ficando cada momento pedagógico no lugar que o educador considerar mais adequado no seu lugar de atuação. É possível também construir outros itinerários, como uma mandala de possibilidades do que fazer da didática freiriana, sem necessariamente utilizar todas as possibilidades ou, até mesmo, criar outras.

Figura 1 – Mandala da Didática Freiriana



Fonte: elaboração dos autores (2017)

Observemos a figura acima. A partir dela estamos considerando que o educador/a se desvende a si mesmo. Num primeiro momento ele/ela sugere que grau de prática tem em cada uma das pedagogias. Depois, traça uma linha ligando sua pontuação, dando origem ao seu gráfico de aranha sobre a mandala das 10 pedagogias. Com o resultado do gráfico fica evidente os pontos fortes e fracos em que o educador/a deverá aprofundar teoria e prática.



Nossa sugestão é utilizar esta dinâmica da mandala das 10 pedagogias em três momentos, a saber, primeiro nesse exercício visualizado na figura acima, onde o educador/a inicia um processo de descoberta e autoanálise desta descoberta. O segundo momento é o do estudo pessoal/grupal focado nas fraquezas e fortalezas. Neste momento, caso o estudo seja grupal, pode-se compartilhar as experiências positivas (fortalezas) com os membros do grupo, solidificando estes saberes e compartilhando eles e, debruçar-se sobre as necessidades de aprendizagem (fraquezas) aproveitando a partilha dos membros do grupo para iniciar uma jornada de superação das lacunas da mandala onde a pontuação apareceu baixa. O terceiro momento é o da práxis individual, ou seja, o educador/a se desafiara a colocar em prática o que estudou e aprendeu, consolidando seus saberes e novas práticas, superando as debilidades e tornando-se um educador melhor e mais preparado para disseminar a didática freiriana.

O educador e a educadora são os sujeitos que conduzem dialogicamente o processo de desvelamento do mundo, escolhendo o melhor momento para perguntar ou sistematizar, para acolher ou agradecer, para dialogar ou refletir, enfim, a didática freiriana é um processo inacabado, coerente com a perspectiva libertadora de Paulo Freire, mas que tem começo, meio e fim; que tem uma politicidade imbricada em cada momento e que busca o desvelamento do mundo e a sua transformação como meta final. Educadores/as que não se repensam e não se refazem na caminhada, e que não se desafiam a dominar estas habilidades interpessoais terão menos chances frente aos desafios da educação. Somos parte do processo que nos tenciona e que ao mesmo tempo tencionamos.



REFERÊNCIAS

BRUTSCHER, Volmir José. **Educação e conhecimento em Paulo Freire**. Passo Fundo: IFIBE; IPF, 2005. (Coleção Diá-Lógos; 07).

DICKMANN, Ivanio (Org.). **Pedagogia da gratidão**. São Paulo: Dialogar, 2017.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. 2 ed. São Paulo: Ação Cultural, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Anca/MST, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da solidariedade: América Latina e Educação Popular**. Indaiatuba: Villa das Letras, 2009. (Coleção Dizer a Palavra; 03).

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Um legado de esperança**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; 91).

GUERRERO, Miguel Escobar. **Sonhos e utopias: ler Freire a partir da prática**. Brasília: Liber Livro, 2010.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. 2 ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. (Série Monitoramento e Avaliação; 02).

MAFRA, Jason Ferreira. **Paulo Freire, um menino conectivo: conhecimento, valores e práxis do educador**. São Paulo: BT Acadêmica; Brasília: Liber Livro, 2016. (Coleção Estudos Freirianos).

Recebido em: 31/07/2017

Aprovado em: 23/12/2017

